



O POLITICAMENTE CORRETO E A PREGAÇÃO EVANGÉLICA

The political correctness and the evangelical preaching

Adílio Eder Dantas de Lima*



* Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (SBC) e graduando do curso de Letras pela Universidade Regional do Cariri. Professor de Novo Testamento no Centro de Treinamento Eclesiástico e Missões (CETREM). Autor dos livros: *Escrita Breve: contos e crônicas*, *O cristão universitário e Dízimos e ofertas* (em coautoria com Carlos Alberto Bezerra).

Contato:

adiliolima1@gmail.com

Recebido em: 17/11/2020

Aprovado em: 27/12/2020

RESUMO:

O conceito do politicamente correto já faz parte da literatura. Alguns livros tratam sobre essa forma de modelar os discursos para se adaptarem ao viés progressista através de intimidadora imposição. Por já estar disseminado na sociedade e ser alvo de vários debates, este ensaio pretende demonstrar como age o politicamente correto e sua influência negativa sobre a pregação evangélica com a finalidade de fazer algumas provocações sobre este assunto no meio evangélico.

Palavras-chave: Politicamente Correto; Pregação; Evangelho; Ideologia.

ABSTRACT:

The concept of the political correctness is already part of the literature. Some books deal with this way of modeling discourses to adapt to the progressive bias through intimidating imposition. As it is already widespread in society and it is the subject of several debates, this essay aims to demonstrate how political correctness acts and its negative influence on evangelical preaching in order to make some provocations on this subject in the evangelical environment.

Key-words: Political correctness; Preaching; Gospel; Ideology.

INTRODUÇÃO

Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.
2 Timóteo 4:3-4

Você já deve ter ouvido o termo “politicamente correto” algumas vezes. O que geralmente as pessoas pensam é que ele diz respeito apenas à ideia de não poder dizer certas coisas para não ferir a sensibilidade de alguém. Isto, em parte, é verdade, porém, somente a superfície. Nenhum conceito provém do vazio, eles têm uma história, um contexto e seus expoentes.

Uma grande falha da maioria das pessoas é não se importar com o modo, as motivações e os propósitos das ideias. Subestimar o poder de uma ideia pode ser fatal. No filme “A origem”, 2010, dirigido por Christopher Nolan, Cobb pergunta: “Qual é o parasita mais resistente? Uma bactéria? Um vírus? Um verme intestinal? Uma ideia! Resistente, altamente contagiosa, uma vez que uma ideia se apossa do cérebro é quase impossível erradicá-la. Uma ideia que esteja totalmente formada, totalmente compreendida, fica na mente em algum lugar.”¹ Apesar de estarmos falando sobre uma ficção, as palavras não deixam de expressar a realidade. Pessoas constroem suas vidas em torno de determinadas ideias e chegam até morrer por elas. A sociedade é influenciada por determinados pensamentos. Na verdade, todos somos, de um modo ou de outro modelados por ideias, mas o grande ponto é saber se elas são boas ou más.

O politicamente correto está inserido em várias áreas da sociedade ocidental. Não há nada, desde um discurso até uma simples brincadeira que não tenha sido maculado pela ideia do politicamente correto. Isto, certamente, inclui a igreja e, portanto, a pregação do evangelho. É certo que sempre haverá os transgressores, mas, mesmo assim, as mentes foram afetadas direta ou indiretamente. Diretamente, trata tanto das pessoas que defendem como daquelas que, em algum momento, são obrigadas a entrar no jogo. As pessoas que são afetadas indiretamente são as que sofrem por lutarem contra.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=UUcSKxmtLTA> acessado em 30/07/20 às 22:09

Qualquer pessoa que se coloque contra ele, está fadada a ser considerada como preconceituosa, ultrapassada, idiota entre outros adjetivos mais ultrajantes. Esse é justamente o golpe de mestre dos “criadores” do politicamente correto, eles o colocaram numa categoria moral superior, assim como seus defensores. Os “politicamente corretos” veem sua ideologia como único meio de salvar a sociedade das suas mazelas e a si mesmo como seus salvadores. Todos que não aderirem a eles e sua forma de pensar, estão, automaticamente, contra o bem-estar do mundo. Não é sem razão que há injúrias tanto verbais quanto físicas a pessoas que não desejam fazer parte do *Establishment*.

O propósito deste ensaio é salientar como o politicamente correto age, situar alguns pontos de como ele foi desenvolvido, e demonstrar como ele tem sido danoso em sua influência na igreja e, mais especificamente na pregação evangélica.

1 – CONCEITUAÇÃO E AVALIAÇÃO DO POLITICAMENTE CORRETO

Uma definição do politicamente correto não é algo muito fácil de se fazer. Esse conceito do politicamente correto não é um fim em si mesmo, mas um meio pelo qual as ideias que estão por trás dele consigam ser eficazes em cativar as mentes. Ele entra em cena como o intermediário, um mecanismo ou método para disseminar e defender os pensamentos que fazem parte dele, assim como destruir tudo e todos que se opõem a esses pensamentos. Nele, podem-se ver várias ideologias. Ele atua como um camaleão e molda-se a cada uma delas em momento apropriado. Certamente, o ponto principal que se pode notar no politicamente correto é a ideia de um “opressor” que exerce sua tirania em uma área determinada e o “oprimido” que sofre e precisa ser libertado, desde a burguesia opressora, passando pelas questões de raça, religião, sexualidade, chegando até a linguagem que oprime como seus “pronomes malévolos”.

Ele se apropria das ideias utópicas e as reformula apresentando-as de um modo tão positivo que ir contra suas alegações é ser mau. Ele “inculca um senso de obrigação ou conformidade em áreas que devem ser (ou são) questões de escolha. No entanto, teve uma grande influência sobre o que é considerado "aceitável" ou "apropriado" na linguagem, ideias, normas comportamentais e valores” (HUGHES, 2010, versão ebook). Sua área de atuação, historicamente, trata da “política, literatura, educação, gênero, cultura e comportamento” (HUGHES, 2010, versão ebook). Nestas áreas, ele vai ditar o

que é correto e incorreto baseando-se nas ideologias assumidas. Uma definição, portanto, está mais ligada àquilo que ele faz:

Trata-se da tentativa de reformar o pensamento tornando certas coisas indizíveis. Consiste, ainda, numa ostentação conspícua, para não dizer intimidadora, de virtude (a qual é concebida como adoção pública das visões “corretas”, isto é, das visões “progressistas”) mediante um vocabulário purificado e um sentimento humano abstrato. Contradizer esse sentimento ou deixar de usar tal vocabulário é excluir-se do grupo de homens (ou deveria eu dizer “pessoas”?) civilizados (DALRYMPLE, 2017, versão ebook).

O politicamente correto, portanto, consiste em um método utilizado pelo meio esquerdista/progressista para que suas ideias possam ter a completa “liberdade” de atuação sem que ninguém possa sequer questioná-las. O politicamente correto, segundo Michell William, é “o mecanismo para a execução da nova ideologia marxista” (WILLIAM, 2016, versão ebook).

O campo de batalha acontece, primariamente, na linguagem. O politicamente correto utiliza o cerceamento do discurso como forma de manter-se intocável. A liberdade de fala é o meio que as pessoas têm para acusar ou defender-se. No momento em que se retira esse poder, não há como alguém argumentar sobre questão alguma. O politicamente correto retira isso de, pelo menos, três maneiras. A primeira está ligada a formulação dos conceitos “intrinsecamente maus”. Algumas palavras são reprovadas automaticamente por “censores” que dizem ser elas preconceituosas. Dessa forma, caso você as utilize, estará, automaticamente, agindo como alguém preconceituoso. A segunda maneira diz respeito a aplicar certos termos pejorativos às pessoas que estão contradizendo o ponto de vista defendido pelo politicamente correto, por exemplo: fascista, sexista, homofóbico etc. Assim,

A linguagem politicamente correta é o produto e formulação de uma minoria militante a qual permanece misteriosamente intocável. Ela não é uma criação espontânea de uma comunidade de falantes, menos ainda de um setor particular dela. Grupos desfavorecidos tais como cegos, aleijados (para usar o vocabulário tradicional), não falam por eles mesmos, mas são defendidos por outras vozes públicas influenciadoras (HUGHES, 2016, versão ebook).

Portanto, o discurso é construído de forma a atacar qualquer voz que seja contrária aos pensamentos incutidos no politicamente correto. Para isso, as chamadas “minorias desprivilegiadas” são utilizadas como massa de manobra e títeres nas mãos de um grupo amorfo que possui um plano de poder do cerceamento de toda e qualquer visão que lhes

for contrária. Não é uma questão de preocupação com direitos de qualquer classe, mas a imposição de uma visão de mundo, a progressista.

A terceira forma é a imposição do discurso “virtuosamente correto”. Essa parte pode ser mais bem descrita com um exemplo. Um grupo de “manifestantes/terroristas” passava na frente de um restaurante onde algumas pessoas estavam fazendo suas refeições. Eles gritavam palavras de ordem e conclamavam os fregueses a os apoiarem. Esse apoio era feito levantando a mão direita com o punho fechado. Quando alguns dos que ali estavam não fizeram o gesto, foram cercados e hostilizados². Caso não concorde com o discurso, você, automaticamente, torna-se um apoiador daquilo que eles são contra, em outras palavras, um inimigo. Se a manifestação tiver um cunho racial, você se torna racista, se feminista, você se torna machista e assim por diante. Não interessa se você tem uma resposta melhor para acabar os um determinado problema, você já foi calado. Quando alguém recebe estes “termos” injuriantes como nazista, fascista, homofóbico, racista, sua primeira reação é buscar negar essas adjetivações, então, a força é direcionada inteiramente para isso. Assim, caso seja um debate, ela já entrou no jogo e não conseguirá, realmente, dialogar. Essa forma de imposição do discurso feita pelo politicamente correto acaba com qualquer diálogo, já que, se alguém não aderir aos “ideais” será considerado uma péssima pessoa, a qual, além de não se preocupar com os “excluídos e desfavorecidos” é, também, algoz delas.

1.1 – O politicamente correto e a esquerda

O politicamente correto é utilizado pela esquerda para vencer seus oponentes pelo silêncio. Ao caracterizar todo aquele que não coaduna com a suas ideias de inimigos do bem por associarem-nos a termos pejorativos, ela tenta amordaçar o contraditório. Para os atuais movimentos de esquerda, eles têm o ponto unificador da história e, assim, a solução para as mazelas do mundo, por isso, ninguém mais tem direito de opinar, pois são parte do problema e, qualquer asseveração seria somente uma tentativa de defesa do *status quo* opressor.

² https://www.youtube.com/watch?v=mQyeII6_c0Q

Vejamos a atuação na ideia econômica do marxismo. Para que ela funcione, precisa encontrar um problema, a pobreza; um grupo frágil, a raiz do problema e bode expiatório para culpa, e assim, apresentar a sua utopia. Por exemplo, a pobreza em um país, é o problema a ser resolvido; os pobres, o grupo frágil que precisa ser defendido; os ricos, causadores da pobreza e bode que precisa ser expiado para a resolução do problema. A partir disto, cria-se a narrativa que vai ser implementada na mente das pessoas. Ela deve possuir apelo histórico, mesmo que deturpado, sentimental, isto é, deve tocar na sensibilidade das pessoas, e apresentar uma esperança, a resolução final, a utopia, como veremos posteriormente. Do outro lado, cria-se automaticamente um mecanismo de defesa que classifica todos os que discordam da narrativa como não intelectuais, desconectados com o mundo, e malvados que não querem ver o bem da sociedade. Depois da ideia inserida, o politicamente correto vai lutar para manter a “veracidade” da narrativa e destruir todo que se colocar contra ela, sejam aqueles que criticam as suas ideias ou apresentam outra narrativa ou solução.

Algo interessante é que a visão de mundo do pensamento esquerdista fez uma alteração de paradigma. Antes, era um grupo minoritário rico que oprimia o proletariado, agora, há, somado a isso, uma maioria que faz opressão às minorias e elas precisam da proteção dos “virtuosos” que falam por esses grupos. Portanto, a ideologia do “opressor/oprimido” alargou o seu campo de atuação o qual não está mais restrito somente a questão econômica, mas a todo e qualquer tipo de “opressão” em que pessoas indefesas precisem de ajuda. Assim,

A libertação das vítimas é uma causa sem descanso, dado que novas vítimas sempre surgem no horizonte assim que as últimas escaparam para o vazio. A libertação das mulheres da opressão masculina, dos animais do abuso humano, dos homossexuais e transsexuais da “homofobia” e mesmo dos mulçumanos da “islamofobia” foi absorvida nas mais recentes agendas da esquerda, a fim de ser preservada em leis e comitês supervisionando por uma oficialidade censora (SCRUTON, 2018, versão ebook).

Essa atuação mais abrangente tornou-se a nova modalidade do movimento esquerdista. O grupo que precisa ser “defendido” cresceu, assim como os grupos que causam opressão. Dessa forma, tornou-se necessário acabar com as instituições que, de alguma forma, são consideradas empecilhos à igualdade e à liberdade das pessoas, como assevera Scruton:

A libertação advogada pelos atuais movimentos de esquerda não significa simples liberdade em relação à opressão política da direita para que cada um viva sua vida em paz. Ela significa emancipação das “estruturas”: instituições, costumes e convenções que moldaram a ordem “burguesa” e estabeleceram um sistema partilhado de normas e valores no coração da sociedade ocidental (SCRUTON, 2018, versão ebook).

Uma destas instituições é a igreja. Para a visão esquerdista, desde Marx que considerava a religião como o ópio do povo, a igreja é um obstáculo para que as pessoas sejam livres. Agora, mais ainda, pois a liberdade é sinônimo de fazer aquilo que seus sentimentos exigem, desde relações homoafetivas até a mudança da natureza biológica em que alguém decide se é homem ou mulher. Nestes pontos, os dogmas da igreja cristã, para o progressismo, são altamente “preconceituosos” e são uma forma de poder que impede a plena liberdade e igualdade na sociedade. Portanto, essa ordem institucional precisa ser destruída ou reformulada.

1.2 – Uma breve história do conceito

O politicamente correto está ligado ao marxismo cultural. Ele é uma adaptação da ênfase econômica de Marx em que a dialética opressor e oprimido é aplicado nas áreas anteriormente destacadas, política, cultura, gênero etc. Para Marx, a vida era regida pelas relações comerciais em que uns poucos dotados do poder econômico subjugavam a grande maioria das pessoas. Segundo Scruton:

A teoria “materialista” da história foi uma resposta a Hegel, que via a evolução das sociedades humanas como impulsionada pela consciência de seus membros, consciência essa manifestada na religião, na moralidade nas leis e na cultura. Não, respondeu Marx notoriamente. Não é “a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (A ideologia alemã). A vida não é um processo consciente ocorrendo no reino das ideias, mas uma realidade “material” enraizada nas necessidades do organismo. E a base da vida social é igualmente material, envolvendo a produção, distribuição e troca de bens. [...] As sociedades humanas evoluem porque as forças produtivas crescem, necessitando de constantes revoluções nas relações de propriedade, da escravidão ao feudalismo, dele ao capitalismo e além (SCRUTON, 2018, versão ebook).

A solução para a situação do “proletariado” era a revolução. Somente através dela, a liberdade dentro da sociedade poderia ocorrer. Depois da derrubada da “burguesia” e assunção do proletariado, as classes seriam abolidas e o “socialismo igualitário” transformaria a sociedade em um paraíso na terra. As revoluções comunistas, contudo,

acabaram em milhões de mortes nos regimes socialistas/comunistas. Ao contrário do que foi esperado, a pobreza, a morte e a tirania cresceram e os próprios defensores da liberdade tornaram-se algozes do povo.

O movimento esquerdista, geralmente, apresenta as mesmas desculpas para o fracasso de sua ideologia: os inimigos e a deturpação das ideias. O socialismo/comunismo nunca dá certo pela sabotagem dos detentores do poder ou porque as pessoas que tentaram implementá-lo fizeram tudo errado, ou foram cooptados para o outro lado da luta. Como eles se veem como iluminados, uma nova ideia surgiu para explicar a razão das falhas: a falta de compreensão das massas. O povo não estaria capacitado para aceitar as ideias socialista, como aconteceu com os camponeses russos. Era necessária uma preparação mental para receber a filosofia esquerdista. É nesse ponto que a “propaganda” mudou, em parte, seu foco para o trabalho de convencimento pela massificação. A cultura necessitava mudar para que as ideias esquerdistas fossem aceitas não mais pela força, mas pela cultura.

Um novo *Establishment*, portanto, foi formado através da *Intelligentsia* a qual era responsável por criar uma nova mentalidade ligada às classes dominadas. A revolução comunista deveria começar pela preparação das consciências, criação de um “homem comunista”. Segundo Lind, essa visão teve origem com o escritor marxista Antônio Gramsci:

Antonio Gramsci trabalhou para a Internacional Comunista entre 1923 e 24 em Moscou e Viena. Mais tarde, ele foi preso em uma das prisões de Mussolini, onde escreveu seus famosos "Cadernos de Prisão". Entre os marxistas, Gramsci é conhecido por sua teoria da hegemonia cultural como meio de dominar a classe. Na sua opinião, um novo "homem comunista" precisava ser criado antes que qualquer revolução política fosse possível. Isso levou a um foco nos esforços dos intelectuais nos campos da educação e cultura. Gramsci previu uma longa marcha pelas instituições da sociedade, incluindo o governo, o judiciário, as forças armadas, as escolas e a mídia. Ele também concluiu que, enquanto os trabalhadores tivessem uma alma cristã, eles não responderiam a apelos revolucionários (LIND, 2004, versão ebook).

A mudança da mentalidade deveria acontecer através da quebra ou transformação das instituições que eram responsáveis pela manutenção do *status quo* como a igreja, a escola, a família, meios de comunicação. Para tanto, os intelectuais deveriam assumir postos de liderança e começarem a propagar a filosofia esquerdista como a forma de libertar a mente do povo oprimido para que esse pudesse ver a escravidão em que viviam.

A filosofia se espalhou com trabalhos dos pensadores da escola de Frankfurt. Para que o novo homem estivesse preparado para o novo sistema, era necessário destruir o antigo, mas não pela força e sim pelos conceitos.

Os estudos da Escola de Frankfurt combinaram a análise marxista com a psicanálise freudiana para formar a base do que ficou conhecido como "Teoria Crítica". A teoria crítica era uma crítica essencialmente destruidora dos principais elementos da cultura ocidental, incluindo cristianismo, capitalismo, autoridade, família, patriarcado, hierarquia, moralidade, tradição, restrição sexual, lealdade, patriotismo, nacionalismo, hereditariedade, etnocentrismo, convenção e conservadorismo (LIND, 2004, versão ebook).

Para que essas ideias pudessem ser espalhadas e recebessem aceitação era necessária uma “nova língua”. Sem utilizar-se da força, mas, simplesmente, mudando conceitos a seu próprio favor e contra qualquer contraditório. “O objetivo da novilíngua comunista, em suas irônicas palavras, tem sido o de “proteger a ideologia dos maliciosos ataques das coisas reais” (SCRUTON, 2018, VERSÃO EBOOK). Em outras palavras, a utilização da linguagem como forma de poder criando narrativas de acordo com a visão marxista, seja a releitura do passado ou as “promessas” futuras. Scruton ainda acrescenta:

Muitas palavras de origem respeitável terminam como novilíngua, usadas para denunciar, exortar e condenar, sem respeito pelas realidades observáveis. Com nenhuma palavra isso foi mais verdadeiro que com o termo “capitalismo”, quando usado para condenar as economias livres como forças de escravidão e exploração. (SCRUTON, 2018, versão ebook).

Além da ressignificação das palavras, há a imposição delas. Isto quer dizer que se alguém é contrário ao discurso esquerdista é taxado com termos como “intolerante, preconceituoso, nazista etc.” e caso não sejam utilizadas as palavras selecionadas pelo progressismo, por exemplo, homossexualidade em vez de homossexualismo, os mesmos impropérios são atribuídos.

Essa “nova” forma de atuação da linguagem é que pode ser chamado de “o politicamente correto” e ele se torna o bastião para a defesa da ideologia do marxismo cultural. Ele não somente discursa em seu favor, mas se apresenta como pensamento perfeito, intocável, meio de salvação, em outras palavras, em uma utopia. Roger Scruton, em seu livro *As vantagens do pessimismo*, diz:

As utopias são visões de um estado futuro em que os conflitos e problemas da vida humana tenham sido resolvidos por completo, em que as pessoas vivam

juntas em união e harmonia, e em que tudo esteja ordenado de acordo com uma vontade única, que é a vontade da sociedade como um todo (SCRUTON, 2016, versão ebook).

A vontade de ver um mundo melhor é o desejo da maioria pessoas. É justamente por esse desejo que elas caem na armadilha da ideologia a qual diz ser a resolução final dos problemas, em outras palavras, o salvador. Cada ideologia vai se apresentar como a solução final e perfeita (uma utopia) para os problemas da sociedade, entretanto, elas vão, ao seu molde, instituir o mal causador de todos os problemas e prometerão solucioná-lo:

As utopias diferem de acordo com suas explicações sobre o conflito. Para alguns, o conflito vem do poder, e a utopia deve ser uma condição na qual ninguém tem poder sobre os demais; para outros, o conflito vem da desigualdade, e a utopia consiste em se criar um estado de igualdade completa; para outros ainda, o conflito vem da propriedade privada, e somente será superado em um mundo onde a propriedade será comum. Existem também utopias concebidas em termos de linhas raciais, como a “do Reich de mil anos” dos nazistas, que seria uma condição de pureza racial, com todos os elementos estrangeiros extirpados. Para os utópicos da Revolução Francesa a utopia seria uma condição de “liberdade, igualdade e fraternidade...” (SCRUTON, 2016, versão ebook).

As utopias, geralmente, acabaram em barbárie, morte e destruição. Ao invés de conseguirem solucionar os problemas, criaram mais e, como toda utopia, fazem justamente o contrário daquilo que prometem. Essas ideias nunca morreram, apesar de todo o estrago que causaram. Isso acontece porque elas estão, justamente, no âmbito do abstrato e, todas as vezes que não funcionar, foi porque algo não foi realizado corretamente. Dessa forma, quando implantada na mente e crida piamente, a pessoa vai defender a utopia modelada pelo politicamente correto. Não importa o quanto alguém mostre fatos que atestem o fracasso da ideologia, ela nunca vai aceitar a realidade, pois sua mente está presa à beleza da utopia. Talvez você já tenha ouvido a seguinte frase “Aquilo não era o real socialismo, porém, uma deturpação”, ou “as ideias dele não foram coladas em prática”. Não há como convencer alguém preso por uma “ideologia utópica”, pois ela sempre acredita fielmente que se tornará verdade assim que as medidas forem implantadas corretamente. Em outras palavras, ela vive em um futuro do pretérito (seria, conseguiria, transformaria; em um mundo dos “se” (se isto fosse implantado, se aquilo, se, se, se...)).

1.3 – O *modus operandi* do politicamente correto

Seguindo o pensamento da transformação da cultura para a formulação de uma mentalidade apropriada à filosofia esquerdista, os ideólogos buscaram disseminar as suas ideias partindo de pontos estratégicos. As universidades, por exemplo, são importantes pontos estratégicos. Nelas é possível formar as mentes dos estudantes as quais lhes são cativas. Ainda se pode estacar a mídia, jornais e televisão de quem o povo acredita estar ouvindo os fatos, porém as notícias são torcidas aos moldes dos ideólogos; o entretenimento: filmes, novelas, peças de teatro etc. em que a atenção fica despercebida e os conteúdos são sorrateiramente incutidos nas mentes.

Depois de estarem engajados nesses locais, através do politicamente correto, as ideologias são disseminadas. Tomemos a universidade como um destes exemplos. Ele começa a atacar toda a forma de ensino apresentando-o como antiquado. Todos os pontos fracos são ressaltados e os pontos fortes não são mencionados. Um ou mais bodes expiatórios são selecionados como causas da má qualidade da universidade os quais estão presentes também nas ideologias que estão no seu âmago: “o ensino das universidades não é libertador, por isso os alunos não aprendem nem a sociedade muda; os professores são opressores e cerceadores da criatividade; os alunos não podem se expressar nem no vestir nem na sexualidade”; e assim por diante.

Por causa dessas críticas, as “soluções” são apresentadas. Por anos, o ensino libertador e crítico (ideologias) é praticado, os professores agora são apenas facilitadores, o conteúdo é simplificado e diminuído para que todos possam ter acesso, provas são quase extintas (conheci uma professora que perguntava ao aluno qual nota ele queria); os alunos se vestem como se sentem bem, mesmo que seja usando apenas uma cueca e uma camisa regata (vou aliviar, foram só algumas vezes que vi a cena e a cueca era samba canção); os estudantes são livres para se agarrarem nos corredores, de todos os tipos de relacionamentos, fumam cigarros, maconha. As múltiplas diferenças são abarcadas. Porém, a educação não melhora.

Quando as críticas começam a surgir porque os resultados foram desastrosos, o politicamente correto entra em cena novamente, agora, para destruir quem está criticando. A pessoa que tenta dizer algo é logo enquadrada em um grupo odiado por todos, é chamada de fascista, nazista; de preconceituosa; homofóbica etc. O direito de divergir é

abolido, as críticas são rejeitadas como sandices. Logo, na universidade, onde deveria ser o lugar da pluralidade, a realidade é bem diferente, há um único discurso, pois:

Os dois pilares que sustentam tradicionalmente as artes liberais são a liberdade acadêmica e a liberdade de expressão. Sem a liberdade de buscar a verdade e de escrever e falar livremente, o conhecimento autêntico é impossível. Mas essas duas liberdades fundamentais foram rotineiramente revogadas pelo estabelecimento de códigos de fala, aulas de "sensibilidade" e uma atmosfera geral de medo e intimidação no campus (LIND, 2004, versão ebook).

O mesmo método do politicamente correto é utilizado para todas as ideologias que estão na sua envergadura, basta mudar o objeto "universidade" e colocar "gênero", por exemplo, e vai dar no mesmo.

Outro ponto a ser salientado da ação do politicamente correto é que ele atua através da liberdade de expressão que condena nos outros. A utilização da crítica só é possível em um ambiente em que haja liberdade para se poder falar de acordo com as próprias convicções. No entanto, quando as ideologias do politicamente correto são atacadas, ele destrói esta atmosfera de diálogo através do vitimismo ou do ataque "*ad hominem*". Em outras palavras, diz que qualquer crítica é um ataque direto contra a pessoa e não contra a ideia dela e credita ações negativas aos que se colocam contra. Por exemplo, alguém que criticar o movimento "Black Lives Matter" é chamado racista e de apoiar a morte de negros. Isso se aplica a todas as ideologias a tal ponto de que se alguém for da minoria, mas tiver um pensamento diferente, ele será considerado não pertencente ao grupo:

O politicamente correto define negros, hispânicos, feministas, homossexuais e alguns outros grupos minoritários como homens virtuosos e brancos como o mal. (O politicamente correto não reconhece a existência de mulheres não-feministas e define os negros que rejeitam o politicamente correto como brancos) (LIND, 2004, versão ebook).

No caso de alguém das minorias discordar do *Establishment*, será considerada inimiga, mesmo fazendo parte do próprio grupo que o politicamente correto julga defender. Ele se tornou-se um pré-estágio da violência que advém das "ideologias utópicas". Roger Scruton, ao analisar a ideologia da liberdade desenvolvida na Revolução Francesa, a qual está inserida no bojo do marxismo cultural, destaca: "Pouco tempo depois, Robespierre estabeleceria aquilo que chamou de "o despotismo da liberdade", cortando qualquer cabeça que tivesse algum problema com isso" (SCRUTON, 2016,

versão ebook). Talvez isso soe assustador ou desproporcional, mas basta notar as ameaças e as agressões sofridas por aqueles que vão contra a agenda do *Establishment*.

O alcance do método foi muito grande e, infelizmente, a igreja (evangélica) e os evangélicos foram afetados pelas categorias dispostas no politicamente correto. Sorrateiramente, a ideologia foi incutida na mentalidade e, assim, começou-se a se pensar dentro do arcabouço estabelecido pelos pensadores esquerdistas.

1.4 – A Igreja e o politicamente correto

Por que pensar sobre essa influência é importante para a igreja? Por que ela deve se preocupar com o politicamente correto? A razão simples e direta é porque as ideologias que estão dentro do arcabouço do politicamente correto atacam diretamente as crenças fundamentais do cristianismo.

Um dos deveres da igreja é pregar o evangelho. Isso por si só já torna a igreja odiosa aos olhos do mundo, pois ela vai falar contra o seu pecado. Outra função dela é ser o sal e a luz no meio desta geração corrompida. Essa responsabilidade diz respeito não somente a sua vida santa diante do sistema maligno, mas a refrear o mal através da sua condenação. João Batista disse a Herodes: “...Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão” (**Marcos 6:18**).

Aqui temos três problemas causados à igreja pelo politicamente correto. 1. Ele ataca diretamente algumas crenças do cristianismo na defesa de suas ideologias. O cristianismo possui doutrinas que são também bases da sociedade ocidental provindas da Sagrada Escritura como a ordem criacional do valor intrínseco do ser humano feio à imagem e semelhança de Deus; igualdade essencial, mas diversidade nas funções do homem e da mulher; distinção natural dos sexos; casamento e família para listar alguns exemplos.

O politicamente correto vive pela defesa das ideologias progressistas que “defendem” qualquer tipo de opressão e, para ele, esta opressão vem das amarras instituídas e preservadas em grande parte pelo cristianismo. Para que haja a verdadeira liberdade, todos os “tabus” e “regras opressivas” devem deixar de existir:

Rousseau forneceu a linguagem, e as avenidas de pensamento, com as quais foi possível introduzir uma nova concepção de liberdade humana, segundo a qual liberdade é aquilo que sobra quando eliminamos todas as instituições, todas as limitações, todas as leis e todas as hierarquias (SCRUTON, 2016, versão ebook).

As igrejas são, portanto, alvo constante do politicamente correto. Elas são consideradas instituições que defendem a opressão contra a liberdade do indivíduo que precisa “criar” seu novo ser através da quebra de todas as regras. Talvez isso fique mais claro no refrão “é proibido proibir”. Dizer o que é uma família é opressão, pois cada um tem o direito de ter a família que desejar; colocar regras na sexualidade também é opressão, cada pessoa pode se expressar da forma que quiser, não há certo, tudo é liberado; talvez o último brado de revolta seja contra o metafísica (Deus) tal qual Camus retrata em seu livro *O homem revoltado*:

Qual é o extremo da revolta metafísica? A revolução metafísica. O senhor deste mundo, após ter sido contestado em sua legitimidade, deve ser derrubado. O homem deve ocupar o seu lugar. “Como Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo se tornar Deus.” Mas o que é ser Deus? É reconhecer justamente que tudo é permitido; recusar qualquer lei que não seja a sua (CAMUS, 2017, p.76).

O que, talvez, o escritor argelino não imaginasse era que chegaria tão longe, isto é, a negação da própria ordem da existência em que são negadas as formas do ser criadas por Deus, homem e mulher. A busca por uma liberdade “libertária” ausente de qualquer tipo das chamadas “opressões” chegou a este extremo. No entanto, para que esta liberdade aconteça, é preciso, como destacou Scruton, acabar com as instituições e, neste quesito, o cristianismo é o alvo materializado na igreja.

2. O politicamente correto corrói a mentalidade no seio da igreja levando a aceitação de práticas que a Bíblia condena. A forma do politicamente correto agir, como já foi salientado, é colocar pessoas em posições estratégicas e as universidades são pontos fundamentais. Os jovens ainda com sua mente em formação precisam cursar as faculdades e lá os professores têm sua audiência cativa. A doutrinação começa, em muitos casos, no primeiro instante da aula e, das formas mais sutis até as extremamente descaradas, as ideologias são inculcadas nas mentes. Muitos dos jovens das igrejas não têm preparo para defender a fé na universidade e, quando não são arrastados para o mundanismo, têm seus pensamentos modelados.

Não é incomum saber que há moças cristãs com pensamentos feministas; outros asseveram que a Bíblia não é confiável ou é machista; alguns defendem que Jesus era socialista; ainda há quem diga que a igreja é preconceituosa por dizer que o relacionamento homossexual é pecaminoso. Aos poucos, os cristãos vão aceitando essas práticas e considerando-as como normais. Isso leva, inevitavelmente, a uma igreja em que não existe quase diferença do mundo; alguns movimentos enfatizam ser o alvo da igreja acabar com as mazelas sociais; outros aderem a pauta homossexual em que os próprios pastores são os primeiros a praticarem o casamento homoafetivo.

3. O politicamente correto mina o evangelismo. Jesus Cristo é bem claro em suas alegações, ele disse que era o “o caminho, a verdade e a vida”, isto significa que não há outro meio de chegar até Deus e ter a vida eterna senão por meio dele. Ele cobrava exclusividade: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim” (**Mateus 10:37-38**). Essa exclusividade demonstra que não há outra forma das pessoas terem um relacionamento real com Deus sem Jesus Cristo. Isto tem uma implicação clara: todos os outros credos estão errados, as religiões e deuses são falsos. E Jesus disse aos seus discípulos: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado” (**Marcos 16:15-16**). Essa ordem é para pregar que a humanidade está perdida, caminhando para o inferno e a única forma de não perecer é receber Jesus como Salvador, crer na sua divindade e que ele morreu, ressuscitou e um dia voltará.

Pregar essa verdade é ir contra a visão politicamente correta, em outras palavras, ir contra as ideologias anticristãs e isto é inconcebível para o mundo. Desta forma, é necessário acabar com o empenho missionário no berço. A briga pela mente é árdua e colocar pessoas em posição de influência dentro das próprias igrejas é a forma mais fácil de ganhar outras pessoas. Assim, o cristianismo vai perdendo força, pois, as suas doutrinas fundamentais são sutilmente derrubadas. Isso é visto no receio que muitos cristãos têm em defendê-las. O politicamente correto conseguiu, em certa medida, modificar a forma de se pregar o evangelho. A mensagem é, geralmente, suavizada para não ferir a sensibilidade das mentes fragilizadas pelo politicamente correto.

A igreja deve, sem dúvida, se preparar para as perseguições que decorrerão de ir contra o politicamente correto para manter a verdade do Evangelho como foi entregue. Já está chegando o tempo em que dizer verdades elementares será motivo de crime. Em outras palavras, dizer que para ser pai é necessário ser homem ou que para ser mãe é necessário ser mulher será um escândalo e motivo de prisão. Entretanto, Jesus advertiu sobre as perseguições por causa do Evangelho e destacou que sofrer por ele é um privilégio:

Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós (**Mateus 5:11-12**).

Os próprios apóstolos, depois de serem presos e açoitados por pregarem a Jesus e se recusarem a deixar de falar do Evangelho, se alegraram por isso: ao “se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome” (**Atos 5:41**). O grande problema da igreja é sucumbir ao politicamente correto e negar a mensagem de Cristo ao mundo.

2 – A PREGAÇÃO POLITICAMENTE INCORRETA

Pregar é uma das tarefas mais honradas que existe para o cristianismo. A importância advém de quem envia a pregar, o próprio Jesus; e pela mensagem a ser proclamada: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (**Marcos 16.15**). Assim, Jesus tanto é aquele que envia como o próprio conteúdo da proclamação. Ele é a própria boa-nova. De forma mais específica, seu conteúdo é a morte e ressurreição do Messias para a purificação dos pecados, restauração do relacionamento com Deus e futura glória eterna para aqueles que recebem o Salvador, mas de condenação perpétua para todos os que se mantiverem rebeldes contra o Filho de Deus, como assevera o apóstolo João: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (**João 3:36**).

Jesus enviou seus discípulos a pregarem o evangelho por todo o mundo. Essa responsabilidade abrange dois aspectos 1. Todo crente é responsável por pregar o evangelho. Pode-se dizer que ao receber Jesus como Senhor, tendo, agora, conhecimento da destinação eterna dos homens, é de responsabilidade individual avisar a tantos quantos

possível desta realidade. 2. Deus comissiona e capacita determinados homens para tomarem a frente na pregação e defesa do evangelho de forma pública. Eles são responsáveis por ensinar a Palavra de Deus à igreja e pregar arrependimento àqueles que chegarem à comunidade.

É desse segundo aspecto da pregação do evangelho que esse capítulo trata. A pregação pública do evangelho é algo difícil para o pastor, apesar de que muitas pessoas não pensem dessa forma. Falar do evangelho é ensinar a verdade de Deus aos homens, tanto daquilo que é bom, como do que é ruim e isso é uma tarefa árdua. É proclamar as bênçãos de Deus em Cristo e a condenação vindoura aos pecadores impenitentes, como Paulo destaca:

Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? (2 Coríntios 2:14-16).

Falar a realidade de Jesus ser Deus e que ele requer a adoração de todos os seres humanos não é uma tarefa fácil, pois ela se choca com a vontade pecaminosa, egoísta, egocêntrica e rebelde da humanidade. É dizer ao mundo que ele precisa mudar, largar seus pecados, seu falso conhecimento e se humilhar aos pés de Cristo.

2.1 – A seriedade da pregação

Todo pastor sério entende a acuidade da pregação. Falar sobre Jesus convidando pessoas ao arrependimento não é simplesmente levar pessoas a mudarem de vida, não é algo unicamente moral. Grande parte das pessoas veem a igreja como um lugar em que pessoas ruins da sociedade devem ser levadas para serem reabilitadas. Talvez você já tenha ouvido alguém dizer: “ele é drogado, alcoólatra, leva para a igreja que ela dá um jeito”.

A pregação do evangelho trata do destino eterno de alguém. Quando uma pessoa morre sem ouvir o evangelho ou sem aceitá-lo, ela irá para o inferno e posteriormente para o lago de fogo, destino final de todos quantos pecaram contra Deus e não se arreenderam e confiaram na obra salvífica de Cristo. João relata em sua carta acerca do

juízo: “Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (**João 3:18**); e sobre a condenação em Apocalipse: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (**Apocalipse 21:8**).

Jesus ordenou que seus discípulos fossem até o fim do mundo pregando o evangelho com a finalidade de restaurar o relacionamento quebrado das pessoas com Deus. O restabelecimento dessa comunhão desfeita pelo pecado traz glória ao nome de Deus e o meio deixado para que isso aconteça é a pregação do evangelho: “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação” (**1 Coríntios 1:21**). A fé em Deus vem pela pregação de suas maravilhosas promessas, da obra de Cristo Jesus: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (**Romanos 10:17**). Dessa forma, não se pode pensar na pregação do evangelho como algo motivacional, uma mensagem terapêutica que busca afagar o ego de muitas pessoas, mas como a verdade de Deus para os homens que trata de sua existência última, não sendo ela, por vezes, palatável.

2.2 – Uma mensagem palatável

A mensagem da Palavra de Deus contraria a maioria das filosofias, ideias e práticas da humanidade. Isso porque, na maioria das vezes, elas estão manchadas pelo pecado e, assim, desvirtuadas do seu alvo principal que é a glória de Deus. Quando se leva em conta o próprio povo do Senhor, muitas vezes a pregação foi rejeitada, justamente, por atacar o pecado dele. Dessa forma, os judeus começaram a não quererem ouvir aquilo que Deus falava através de seus profetas.

Um desses profetas que foi comissionado a pregar a Palavra de Deus, mas se deparou com um povo que não queria ouvir, foi Isaias. Ele foi chamado a pregar arrependimento dos pecados de idolatria, imoralidade e descaso com a casa de Deus. Porém, ao trazer a dura mensagem percebeu um povo que não queria ouvir a verdade para seu próprio bem:

Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR. Eles dizem aos videntes: Não tenhais visões; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões; desviai-vos do caminho, apartai-vos da vereda; não nos faleis mais do Santo de Israel (**Isaías 30:9-11**).

Eles queriam ouvir aquilo que lhes agradassem. Em outras palavras, não queriam a verdade, mas um discurso que falasse bem deles, um discurso da vitória, da autoestima, uma palavra que autenticasse seu erro. Isso é bem exemplificado pelo rei Acabe. Em um certo momento, Josafá veio até Acabe e ambos iriam pelejar contra a Síria. Acabe convocou todos os seus profetas para profetizarem sobre o futuro da batalha. Todos os profetas foram positivos: “Eles disseram: Sobe, porque o Senhor a entregará nas mãos do rei” (**1 Reis 22:6**). Não conformado com aqueles profetas, por ele reconhecidos como não pertencentes aos de Israel, perguntou: “Disse, porém, Josafá: Não há aqui ainda algum profeta do SENHOR para o consultarmos?” (**1 Reis 22:7**). Acabe responde que havia um profeta, mas que ele não profetizava coisas boas a seu respeito. Josafá mandou chamá-lo.

Quando o guarda foi buscar a Micaías, ele teve uma conversa no pé do ouvido do profeta sobre como deveriam ser suas palavras diante dos reis: “O mensageiro que fora chamar a Micaías falou-lhe, dizendo: Eis que as palavras dos profetas a uma voz predizem coisas boas para o rei; seja, pois, a tua palavra como a palavra de um deles e fala o que é bom” (**1 Reis 22:13**). Ele, certamente, foi direcionado pelo rei perverso, Acabe, para dizer essas palavras. Micaías chega para trazer as profecias de vitória e diz justamente aquilo que Acabe queria ouvir. Aparentemente, Micaías está lançando de forma indireta uma imprecisão sobre Acabe, você quer ouvir mentiras, pois então, ouça. Então, Acabe faz uma pergunta a Micaías (**1 Reis 22:16**) “O rei lhe disse: Quantas vezes te conjurarei, que não me fales senão a verdade em nome do SENHOR?”

Acabe pretendia, com sua pergunta a Micaías, representar-se a Josafá como nunca tendo tentado exercer qualquer influência sobre as declarações do profeta” (Thenius). Ele adotou a atitude para com Micaías “de manter-se preparado para qualquer resposta e de exigir apenas conhecer a vontade divina, embora já tivesse realmente decidido e ficaria satisfeito apenas com uma resposta” (Jo. Lange). Por isso, podemos entender a resposta do profeta, que não é ironia (Keil), nem “falada com gestos irônicos e um tom sarcástico” (Richter), mas certamente uma reprovação à pergunta hipócrita (LANGE et alli 2008, p. 252).

Percebendo o profeta que Acabe queria se engrandecer diante de Josafá às custas dele, deu-lhe a resposta à pergunta hipócrita e esta foi justamente a Palavra de Deus

concernente a Israel que perderia a batalha e seu rei seria morto. Ele falou o que Acabe não queria ouvir e esta era a razão do profeta estar preso. A mensagem de Deus é dura para um povo que está em pecado.

Essa não é uma exclusividade do povo de Deus no Antigo Testamento. O apóstolo Paulo em sua carta a Timóteo fala de como seria o futuro a partir do seu tempo no que concernia à pregação da Palavra de Deus: **(2 Timóteo 4:3-4)** “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas”.

Paulo está demonstrando que as pessoas desejarão uma mensagem agradável aos seus ouvidos, palavras que afaguem o ego e, de forma alguma, fale contra o pecado, procedimentos que desagradam a Deus, ira divina ou punição futura. O politicamente correto, atualmente, está modelando as mensagens para não serem “ofensivas” às pessoas. Em outras palavras, tudo o que for dito deve ter um conteúdo agradável, o qual não pode contradizer a quem quer que seja. A Palavra de Deus precisa ser “atualizada” às novas formas de relacionamento assumidas pela sociedade e somente as partes que cabem dentro do seu bojo ideológico são enfatizadas, enquanto tudo o que for contrário, é condenado como ultrapassado ou preconceituoso.

2.3 – Sensibilidade intensificada pelo politicamente correto

A Bíblia é a mesma desde que foi escrita. A mensagem de Deus não mudou com o passar do tempo, então, por que ela, agora, precisa ser suavizada? A palavra divina sempre foi dura a um mundo pecaminoso. As pessoas, em grande parte, foram sensibilizadas a tal ponto de não poderem ouvir um “não”. Elas querem que suas vontades sejam aceitas, suas opiniões ouvidas, e não aceitam ser contrariadas.

Com o advento de várias filosofias do vitimismo, tudo deve ser adequado para não ferir a sensibilidade artificialmente construída. É importante destacar que muitas pessoas são mais frágeis emocionalmente e elas devem ser tratadas com amor, cuidado e zelo, onde a verdade, como a Bíblia ensina, deve ser dita com amor: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (**Gálatas 6:1**). O discernimento das pessoas maduras espiritualmente deve saber distinguir entre alguém realmente frágil dos

que apenas são movidos pelas filosofias mundanas. Porém, a verdade sempre deve ser dita, o erro nunca deve ser diminuído ou relativizado.

O grande problema é que as pessoas estão sendo modeladas artificialmente para serem sensíveis a tudo. Assim, seus sentimentos são facilmente atingidos. O politicamente correto se encarregou não somente disso, mas de doutriná-las de forma a exigirem que tudo se adapte ao seu sentimentalismo e vitimismo. Portanto, se algo “ferir” sua fragilidade, precisa ser recriminado. O que se segue é que a mensagem do evangelho está sendo adaptada a essa nova sociedade. As pregações, portanto, devem tratar de problemas psicológicos, ser terapias para a baixa autoestima e, além disso, contextualizar-se às práticas modernas e aceitá-las. Pecados condenados pela Bíblia como adultério, separação matrimonial, fornicção, imoralidade, homossexualidade, entre outras práticas, devem ser aceitos e nenhuma palavra pode ser dita em contrário.

A mensagem Bíblica que não se amolda a essa ideia é considerada ultrapassada, preconceituosa e inadequada, não deve ser pronunciada. Isso indica que Deus precisa se moldar aos homens sendo apenas um tipo de conselheiro freudiano que busca fazer com que as pessoas se aceitem como elas são em seus pecados.

Em uma determinada ocasião, durante uma aula na faculdade, percebi essa realidade nas palavras de um dos alunos. Ele disse que acreditava na divindade, era religioso, mas o deus que ele concebia o aceitava como ele era. O seu conceito de Deus era de um ser que o amava a tal ponto de não o contradizer, em outras palavras, era um deus criado para autenticar as suas práticas.

Isso demonstra o quanto as pessoas estão sensibilizadas e buscam, desesperadamente, algo que legitime suas práticas. Isso ocorre em vários graus dentro da sociedade, mas, a última amarra que deve ser quebrada é a ontológica, ou seja, ou nega-se Deus e, assim, não há qualquer ser que diga como as pessoas devem viver ou cria-se um de acordo com os parâmetros humanos, um deus amiguinho.

2.4 – Um Deus de amor

Ao pensar um pouco em muitas mensagens modernas, o politicamente correto encontra em um atributo de Deus tudo o que precisa para crescer, este atributo é o amor. Muitas das pregações estão alicerçadas numa deturpação do conceito de amor e sua

exaltação. A pregação consiste em dizer que Deus é amor e, por isso, ama imensamente a humanidade. Este amor leva em consideração todos os relacionamentos humanos.

Para muitos “evangélicos”, o amor de Deus se resume a ele estar disposto a suprir todas as necessidades das pessoas. Deus, em seu amor, abraça a todos independente de suas ações, ele não julga ninguém, mas, como pai amoroso, acolhe a todos sem requerer qualquer tipo de mudança.

Esse discurso deturpa completamente o atributo de amor de Deus de forma que ele não pode exercer justiça e juízo contra o pecado. Um Deus que julga lançando pessoas no inferno por seus pecados não se encaixa no contexto moderno. Assim, para que a mensagem seja agradável é preciso modificar quem Deus é, em outras palavras, para que a mensagem não fira os sentimentos, uma mensagem politicamente correta precisa de um novo deus, uma figura criada para pessoas sensíveis, que não podem ter suas ações questionadas, e precisam sempre ser bajuladas, terem seus egos afagados.

Não é difícil ouvir críticas ao Deus do Antigo Testamento, dizendo que ele é cruel, já Jesus pregava o amor, o perdão, e não julgava a ninguém. Certo professor, ao falar na aula sobre religião, disse: “não gosto do Deus do Antigo Testamento”, ele é muito sanguinário, prefiro Jesus, pois ele fala de amor”. Isso indica claramente a deturpação do conceito de amor em Deus.

As mensagens politicamente corretas buscam adequar a Palavra de Deus para um público que, mesmo embebido em pecado, só quer ouvir palavras de vitória, que tem um Deus a seu dispor, pronto a ajudá-lo, mesmo em meio aos pecados. Dessa forma, para agradar os homens, as mensagens desagradam a Deus.

2.5 – Duro discurso, quem o pode ouvir?

Se houve alguém que poderia exemplificar melhor o amor de Deus em suas palavras, essa pessoa era Jesus. Os discursos dele, certamente, estariam imergidos em amor, respeito, justiça, bondade etc. As palavras saídas da boca de Cristo somente produziram coisas positivas naqueles que as ouviram. Ele receberia todas as pessoas e não lhe diria nada que pudesse feri-las, mas somente mensagens de ajuda. Essa é a imagem que os críticos dos “crentes julgadores” possuem. Entretanto, basta ler a Bíblia,

coisa que poucos fazem, para descobrir que os discursos de Jesus possuíam uma natureza bem distinta daquela que lhe é costumeiramente atribuída.

A mensagem trazida por Cristo era a expressão máxima de amor aos homens, porém, o amor que está corretamente direcionado. Jesus falava claramente que viera ao mundo como Salvador e todos precisavam aceitá-lo como Senhor de suas vidas, para terem seu relacionamento com Deus restaurado e poderem cumprir o propósito para o qual haviam sido criados. Nisto consiste a mensagem de Cristo e, assim, a prova máxima do amor de Deus. João assim declara: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 João 4:10).

Jesus convidava as pessoas a se achegarem a ele dizendo: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6). Essas palavras são extremamente exclusivistas. Ele está dizendo que ele é a única forma de alguém poder ir até o Pai, isto é, até Deus. Não há vários caminhos, várias formas, várias religiões. Esta palavra, hoje, não é bem aceita.

Cristo falou para os seus seguidores que eles deveriam tê-lo acima de tudo em suas vidas. Não era apenas seguir alguns de seus ensinamentos, os discípulos deveriam colocar tudo o mais de lado quando comparado a sua disposição para amar e obedecê-lo, ou era tudo ou nada:

Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. [...] Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim (Mateus 10:37-38; 16:24-25).

As palavras de Cristo são bem claras, aqueles que quisessem segui-lo deveriam colocar suas próprias vidas de lado. Qualquer coisa ou pessoa até em seus relacionamentos mais íntimos deveriam ter segundo lugar, pois ele, sendo Deus, deveria ter a primazia. Quanto mais próximo chegava de sua morte, mais Jesus intensificava seu discurso sobre ela e a necessidade das pessoas que o seguiam entendessem completamente qual era a sua requisição. Chegou a um ponto onde os próprios seguidores reconheceram, após uma de suas mensagens, que o discurso era bem diferente do que eles

esperavam: “Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (**João 6:60**) O Senhor estava falando sobre a sua morte e a necessidade de seus seguidores confiarem nele plenamente para a salvação. O Messias usa a imagem do comer a sua carne e beber o seu sangue como representando a aceitação de seu sacrifício na Cruz como propiciação pelos pecados. Ao ouvirem isso, seus seguidores, desanimados pelo teor da mensagem, começaram a deixar de segui-lo: “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (**João 6:66**). Eles, pois, queriam ouvir da libertação de Roma, ou a restauração do reino ou prosperidade, algo que os agradasse.

As palavras do Filho de Deus não eram como muitas pessoas acreditam hoje em dia. Elas eram verdadeiras e falavam de amor, mas não desse amor deturpado pregado em mensagens que buscam afagar o ego de pecadores. Ele falava sobre a necessidade de todos o aceitarem como Senhor e terem seus pecados perdoados sendo livres da condenação do inferno. Ele estava pouco preocupado se iria ferir os sentimentos daqueles que o ouviam. Sua preocupação principal era lhes mostrar onde sua vida de pecado estava os levando e apresentar a salvação, mas esta tinha um preço, largar tudo e segui-lo. Ao final de seu ministério, quase sem seguidores, Jesus ainda olha para os apóstolos e diz: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?” (**João 6:67**). Se Cristo estivesse preocupado em ter seguidores com base em agradá-los, nunca teria falado o que falou. Agora, seus mais leais discípulos estão ali, ele poderia começar a falar coisas agradáveis para mantê-los com ele, para afagar seus egos, mas ele questiona se eles também não queriam ir embora.

Alguém que não mantém uma mensagem politicamente correta, mas prega a verdadeira palavra, nunca terá tanta aceitação. As pessoas querem mestres que não recriminem suas práticas pecaminosas em nome de um falso amor e de não ferir sentimentos fragilizados pelo politicamente correto, assim não era Jesus. Ele era verdadeiro e pregava a Palavra fiel de Deus sendo ele mesmo a verdadeira Palavra.

2.6 – Os “modinhas” politicamente corretos

Não é incomum aparecer no cenário atual os “pregadores” politicamente corretos, com suas mensagens psicologizadas, cheias de antropocentrismo que distorcem a Escritura em prol de agradar as pessoas. Eles são aclamados por todos que amam modelar

Jesus aos seus próprios interesses. Pessoas que falam sobre não ter religião, mas ter o Jesus de amor, e enfatizam a aceitação de todas as religiões, pois nelas há Deus. Jesus parece mais um hippie pregando a paz, a liberdade, o amor, tudo isso sem que o pecado seja retirado da vida. Em outras palavras, eles têm uma mensagem que agrada a gregos e troianos: a cristãos, a mulçumanos, a ateus, a agnósticos, aos hindus, a budistas, enfim, a todos que a ouvirem. Eles se colocam como propagadores do amor, da aceitação, do equilíbrio, pessoas que realmente entenderam as palavras de Cristo e estão espalhando o bem no mundo. Com sua postura, fazem daqueles que não compartilham de seus pensamentos, pessoas más, irracionais, religiosas, ultrapassadas, que semeiam o ódio e assim por diante.

Lembro-me de uma conversa com uma professora na universidade. Ela tinha uma visão gnóstica do mundo (até difícil de explicar a salada que ela fazia). Em um certo momento da conversa, ao falar sobre o que era o verdadeiro cristianismo, ela falou de um “pastor” que havia mesclado o marxismo e o cristianismo. Ele havia entendido quem Jesus era e o que ele pregava. A “pregação” deste “pastor” coçava os ouvidos dela, assim, ele era benquisto. É a mesma coisa que acontece com esses pregadores, eles são aclamados nas redes sociais, convidados para programas televisivos como se falassem por todos os crentes, seus livros não param nas prateleiras das livrarias. Eles falam o que é agradável, uma mensagem que não fere a ninguém, pois não é a verdade de Cristo.

2.7 – A felicidade do discurso politicamente incorreto

Felizmente, ainda há muitos pastores e igrejas sérias que prezam pela palavra fiel de Deus, aquela que trata da grandeza do Senhor, de sua obra salvífica por meio de Jesus, do pecado e degradação dos homens, da condenação devida pelas transgressões e do futuro maravilhoso para os remidos pelo sangue do cordeiro.

As mensagens que apresentam a verdade, que não visam agradar o ego de pessoas caídas, mas expressam a realidade do amor de Deus estão se tornando escassas e perigosas de serem pregadas. A prova maior de amor foi entregar seu único filho para sofrer a morte pelos pecados, assim, todos aqueles que o recebem têm seus pecados lançados sobre Cristo e podem usufruir da vida eterna. Assim, a justiça de Deus é exercida em Jesus, para que Deus continue sendo santo e justo em seu amor. Ao se falar a verdade, mesmo

que esta não seja tão aprazível e não traga grandes reconhecimentos, já que o mundo jaz do maligno, muitas pessoas serão salvas de seus pecados. O Evangelho é um remédio amargo, ele espreme a ferida para curá-la. A pessoa que o aplica, no momento, será considerada alguém áspera, sem amor, que produz sofrimento, mas, depois que a chaga estiver curada, será reconhecida por sua atuação e, nesse momento, colocará toda a glória em Cristo. Ao contrário dos pregadores do falso evangelho que só colocam anestesia na ferida, fazendo, com isso, ela piorar a cada dia até que não haja mais solução.

O apóstolo Paulo, escrevendo ao jovem pastor, Timóteo, diz que ele deveria pregar a palavra com fidelidade, com ousadia, sem ter o desejo de agradar a ninguém em detrimento de negar o Evangelho. Ele faz o rogo a Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina (**2 Timóteo 4:1-2**). A pregação exigia correção e isso indica que há algo errado; repreensão, isso demonstrava que havia pessoas com procedimento pecaminoso; e exortação, demonstrando a necessidade de falar sobre o mal para que ele não acontecesse. Tudo isso deveria ser feito com longanimidade, isto é, com paciência com os ouvintes, e com doutrina, pois não era a palavra de Timóteo em última instância que deveria ser motivo de autoridade, mas Palavra de Cristo. Certamente, fazer isso não seria fácil, pois, como ele vai dizer em seguida, os homens não iriam querer ouvir palavras duras, mas verdadeira, porém, procurariam “pastores” que lhes dissesse coisas aprazíveis aos ouvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma doutrina ou filosofia não se consolida de uma hora para outra. O politicamente correto também não surgiu no cenário eclesial em um piscar de olhos, ele é fruto de vários anos de sutil empreendimento. As mentes foram massacradas com a ideologia politicamente correta nos filmes, novelas, músicas, faculdades e escolas. Mesmo que alguém seja contra a ideia, todo o contexto o força, de alguma forma, a assimilar, em algum momento, o politicamente correto.

Podemos utilizar o exemplo do adultério que tanto foi incentivado pela mídia através da falsa ideia de amor e de relacionamentos que não expressam, de fato, o que é um casamento. Por exemplo, eles pegam uma história antiga que alguém foi forçado ou

forçada a casar e tinha um casamento infeliz por não estar apaixonado. Então, eles apresentam outra pessoa, esta “amada”, e o amor daria o respaldo para o adultério, já que no casamento a pessoa era infeliz. Da mesma forma, tomam pregações infelizes ou tratamentos de determinadas igrejas que não correspondem com o evangelho para modificar toda a pregação que fala em pecado. Dessa forma, a mensagem cai num superficialismo em que ninguém, de fato, é alcançado. O temor de falar diretamente contra um determinado pecado faz com os pregadores tornem a mensagem superficial, amoldada às fragilidades produzidas pelo politicamente correto.

Para ter essa percepção, basta você tentar falar algo que, teoricamente, feriria a fragilidade de alguém. Se você se sentir amedrontado, o politicamente correto já está agindo em sua mente. É claro que falar a verdade não é desculpa para ser mal educado ou ferir outras pessoas com maldade, mas se você, quando vai falar com alguém, parece estar pisando em ovos, é por que você já foi afetado.

Talvez ainda demore muito ou os efeitos disso sejam irreversíveis, porém, graças a Deus pelos pastores que continuam firmes na difícil tarefa de pregar o evangelho verdadeiro que ofende o pecador e nesta ofensa o salva. Há certamente, ônus para quem decide não aderir ao politicamente correto em suas mensagens, mas a recompensa futura e celeste é muito maior.

REFERÊNCIAS:

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**, tradução João Ferreira de Almeida. 2ed. Revista e atualizada. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DALRYMPLE, Theodore. **Qualquer coisa serve**. São Paulo: É Realizações, 2017.

HUGHES, Geoffrey. **Political Correctness: A History of Semantics and Culture**. 2010

LANGE, J. P., Schaff, P., Bähr, K. C. W. F., Harwood, E., & Sumner, B. A. (2008). **A commentary on the Holy Scriptures: 1 Kings (252)**. Bellingham, WA

LIND, S William. **“Political Correctness”: A short history of an ideology**. Free Congress Foundation November, 2004.

SCRUTON, Roger. **As vantagens do pessimismo e o perigo da falsa esperança**. São Paulo: É realizações, 2016.

SCRUTON, Roger. **Tolos, fraudes e militantes: pensadores da nova esquerda**. 1ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

WILLIAM, Michael. **The Genesis of Political Correctness: The base of a false morality**. 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=UUcSKxmtLTA> acessado em 30/07/20 às 22:09

https://www.youtube.com/watch?v=mQyeII6_c0Q acessado em 30/07/20 às 23:00.